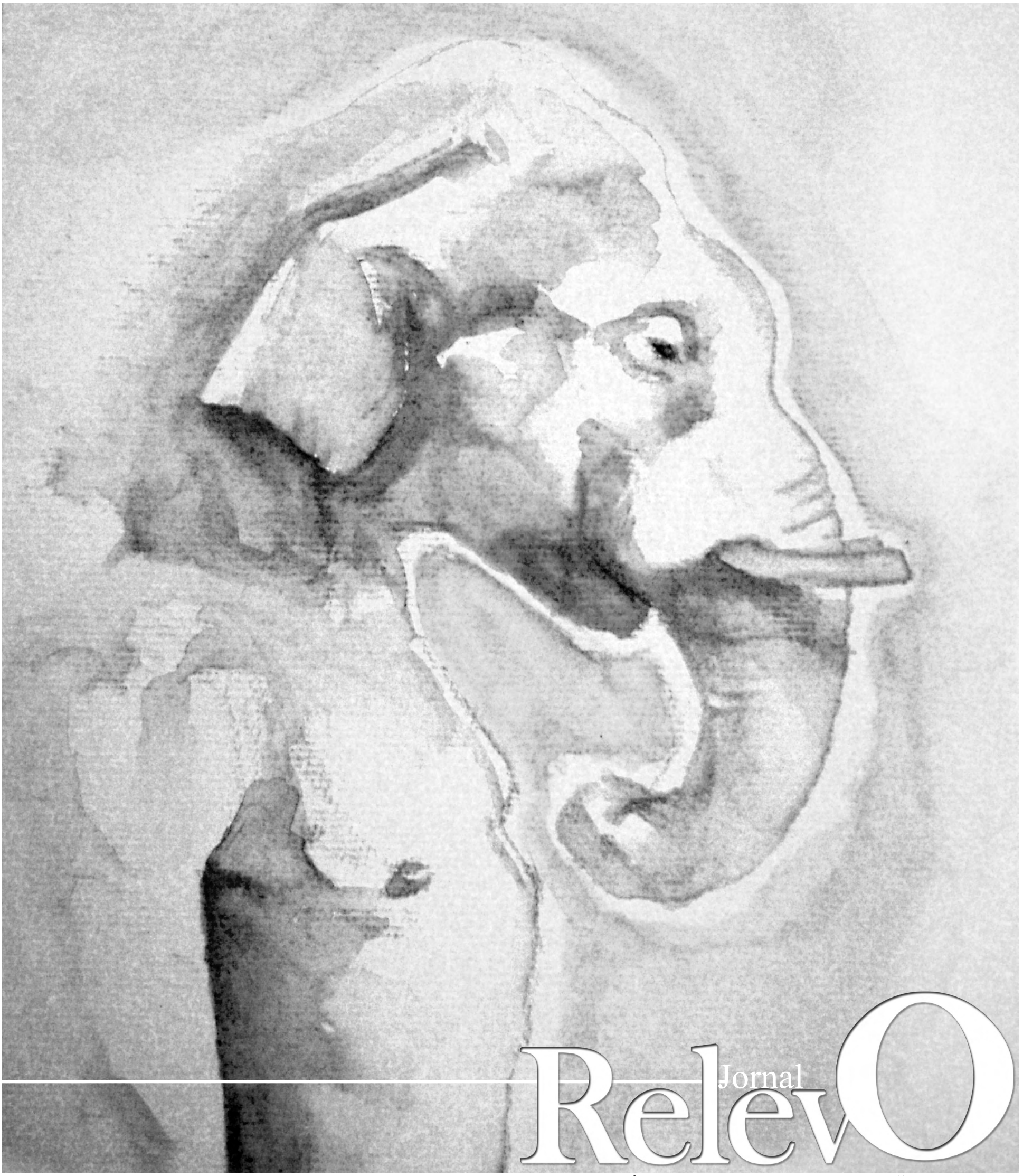


Jornal RelevO

Alexandre Stresser

PARANÁ | FEVEREIRO DE 2014 | EDIÇÃO V | ANO IV

FEVEREIRO DE 2014

EDITORIAL

Ao trazer um ombudsman para dentro de nossos modos de operação, buscamos estabelecer um grau de transparência raro em veículos impressos – e no jornalismo de modo geral: o exercício constante da autocrítica.

Vou dizer pra você: não é confortável. Ter o próprio periódico analisado de modo frio e amplo é como se prestar a uma cirurgia sem anestesia, todas as suas dores e entranhas expostas.

Neste mês criamos oficialmente a seção de Erratas, aqui mesmo, na página 2, com o intuito de reparar os equívocos que cometemos em cada edição – alguns erros chegam a nos vilipendiar. Neste mês, por exemplo, estamos retificando um erro cometido há quase dois anos, necessidade iminente que o fotógrafo tinha para exercer um trabalho atual.

Em janeiro nos esquecemos de divulgar a prestação de contas de dezembro. Esta edição, portanto, conta com duas prestações. É mais um caminho que designamos para esclarecer os leitores e leitoras sobre nossa sempre delicada situação financeira – você dificilmente verá o editor andando com carros importados, mulheres seminuas e correntes de ouro. Digo isso ser difícil, mas não impossível porque é sempre plausível enriquecer em golpes de sorte, apostas lotéricas ou caças ao tesouro.

Também consideramos importante rememorar certas diretrizes caras ao nosso projeto: somos um impresso sem fins lucrativos – até a equipe editorial é assinante do jornal – e não aceitamos um centavo sequer oriundo de fundos públicos. Se for para quebrarmos que seja com o dinheiro dos anunciantes e assinantes, não com o dinheiro de quem não tem nada a ver com tudo isso aqui.

De todo modo, apesar de nossas buscas por entregar um jornal singular, sabemos de todas as dificuldades no que tange às políticas de leitura, às crises do meio jornalístico e às peculiaridades todas de nossa maçonaria literária. O que fazemos em relação a isto? Bem pouco. E é este pouco que você tem em mãos.

Uma boa leitura a todos.

Osny Tavares 03

Fran Ferreira 07

Priscila Lira 08

Yuri Al'Hanati 10 11.12

Ana Figueiredo 14

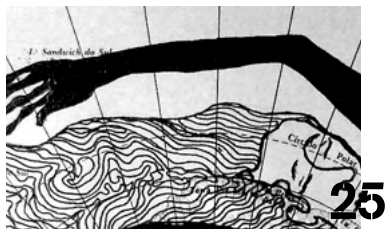
Victor Hugo Turezo 17

Flávia Marks 19

Mariana Ianelli 21

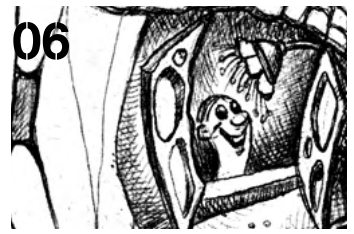
Mateus Ribeirete 22 23

Rodrigo Lopes 25



Ricardo Pozzo 28

Daniel Zanella 06



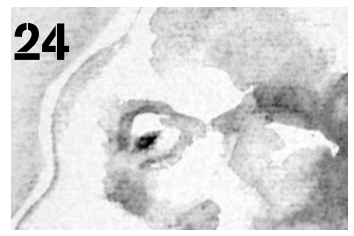
Amanda Tintori 09

Danilo Augusto/ Sheyla Amaral 13

Francine Porfírio 16 15

Munique Duarte 18

Alice Coelho 24



Walter Bach 27 26

Larissa Cavallin 29

Daniel Osiecki 31

Consolação Soranço Buzelin 32

PRESTAÇÃO DE CONTAS JANEIRO DE 2014

ANUNCIANTES

R$ 100 (Toda Letra)
R$ 50 (FISK)
R$ 50 (AVON)
R$ 50 (Pão & Vinho)
R$ 50 (Água na Boca)
R$ 50 (Calceaki)
R$ 100 (Dicesar Beches)
R$ 50 (Livrarias Joaquim)
R$ 200 (Exato)
R$ 50 (Defenestrando)
R$ 50 (Marcio R. dos Santos)

R$ 800

Correio: R$ 150
Distribuição: R$ 70
Papelaria: R$ 30
Impressão: R$ 1000
Custo Total: R$ 1250

ASSINANTES

R$ 50 (Guilherme Plociniak)
R$ 50 (Victor Amaral)
R$ 50 (Vanessa Porfírio)
R$ 50 (Rui W. de Capistrano)
R$ 50 (Andréia Gavita)
R$ 50 (Vanessa Porfírio)
R$ 50 (Cezar Tridapalli)

R$ 350

Total: R$ 1150

Balanço: R$ -100

EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010
Editor: *Daniel Zanella*
Editor-Assistente: *Ricardo Pozzo*
Revisão: *Mateus Ribeirete*
Ombudsman: *Osny Tavares*
Projeto gráfico: *Iara Amaral*
Impressão: *Gráfica Exceuni*
Tiragem: *3000*
Edição finalizada em: *6 de Fevereiro*

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo
Facebook: *Jornal Relevo*
jornalrelevo@gmail.com
Edições anteriores:
issuu.com/jornalrelevo

CAPA

Alexandre Stresser *é desenhista e designer gráfico de formação. Atualmente se arrisca no mercado das ações e pretende dominar o mundo.*

ERRATAS

Na edição de junho de 2012, na página 6, a fotografia de Sian Sene foi creditada de maneira equivocada como sendo de Ricardo Pozzo, gerando problemas documentais ao autor. Pedimos desculpas por nosso erro (crasso).

Na edição de janeiro de 2014, na página 7, a ilustração de Luna Loo foi creditada como sendo de Isabelle Lemos. Juramos que vamos parar de cometer estes erros primários, leitores.

A partir desta edição, a equipe interna responsável pela revisão receberá um pequeno manual anti-zica com tópicos específicos de correção a fim de evitar situações prejudiciais a nossos colaboradores.

Em breve republicaremos por aqui ou online.

Iara Amaral
Técnica: Nanquim e aquarela

Osny Tavares

A literatura não nos salvará

Nós, os autores leitores, deixamos de ser solitários. Mas ainda recusamos o diálogo e a tentativa de retratar o outro.

A literatura não nos salvará por ser a própria perdição da qual fugimos. Como gênero artístico acuado, quase reduzido a um comportamento de nicho, as letras tentam reagir com ilusões de autoimportância. E nada mais chato que o discurso de elevação espiritual, dando a entender que o leitor dedicado encontrará nos livros uma espécie de código-chave para entender a humanidade, ou melhor, "para começar a entender", dirá o autor/professor/palestrante. Em literatura nada pode ser cabal, definitivo, objetivado. Sempre é preciso pairar sob uma zona de incerteza em que uma afirmação é também o seu oposto, o que permite ao enunciador discorrer longamente sem jamais se pôr em risco, como se pedalasse uma bicicleta com rodinhas.

A característica principal de qualquer militância é o desejo de se chegar a um fim específico e necessariamente correto. Na política, onde o fenômeno é mais facilmente visualizável, trabalha-se com dois horizontes de expectativa: o possível e o ideal. A realização do primeiro supostamente encurtaria a distância até o segundo. Mas como a militância precisa se manter viva e com o mesmo vigor, assim que o possível é realizado o ideal é reposicionado mais à frente em igual proporção. O vácuo impede a morte do desejo e a consequente desmobilização da militância.

A militância literária, benza-deus, prescinde de um fim social específico. Até onde sei, pelo menos, ninguém ainda criou um escopo ao estilo do comunismo utópico e saiu por aí a defender que todo cidadão deve ler xis livros ao ano ou, em algum momento da vida, desenvolver uma tese sobre algum estilo ou gênero. É mais um chamado ao aprimoramento pessoal. Leia porque é bom. Serás mais sensível e sofisticado. Saberás interpretar e desfrutar melhor a arte. Poderás relativizar a importância das coisas cotidianas. Embora encapada num altruísmo monástico, pouco se diferencia de um comercial de produto para emagrecimento, exceto pelo garoto-propaganda, na literatura geralmente alguém entediante, sem carisma e incapaz de seduzir sua plateia.

Apesar de tudo a literatura vive um momento de relevância, em especial entre os jovens. Não só entre eles, mas aqui ocorre um fenômeno novo e interessante. Os livros são pauta frequente de conversa, sem distinção de gênero (Guarde essa sentença. Ela será útil mais adiante). É também um fenômeno que irrompe barreiras sociais. Mesmo os jovens de classes mais baixas estão se mostrando antenados e curiosos. Ao contrário de tudo o que se diz sobre o preço do livro, a literatura ainda é uma experiência barata. E numa comunidade homogênea como a dos jovens na periferia, que

Prestação de contas dezembro de 2013

ANUNCIANTES

R$ 50 (FISK)
R$ 100 (MARCIO RENATO DOS SANTOS)
R$ 50 (PÃO & VINHO)
R$ 50 (ÁGUA NA BOCA)
R$ 50 (AVON)
R$ 50 (CALCEAKI)
R$ 50 (LIVRARIAS JOAQUIM)
R$ 100 (ALLEJO)
R$ 50 (DEFENESTRANDO)

R$ 550

ASSINANTES

R$ 50 (Tiago Franco)
R$ 50 (Ana Elisa)
R$ 50 (Estela Basso)
R$ 50 (Munique Alvim)
R$ 25 (Marili Kicot)
R$ 25 (Sid Summers)
R$ 200 (Isabel Ribas)

R$ 450

Total: R$ 1000

Balanço: R$ -45

Correio: R$ 145
Distribuição: R$ 70
Papelaria: R$ 30
Impressão: R$ 800
Custo Total: R$ 1045

se aproximam por gostos e preferências culturais, o indicar/emprestar/passar de mão em mão torna o custo marginal quase irrisório. Tudo isso é uma grande ilação minha, baseada em alguma (pouca, na verdade) observação. Em nada ajuda o fato de as pesquisas de leitura no Brasil pouco revelarem, autoanuladas por problemas graves de método e amplitude.

Teria a discreta melhora na educação pública brasileira influenciado a formação de leitores? (Essa melhora, sim, se pode provar. Basta dar uma olhadinha no Ideb). Talvez. Mas penso ser a internet hoje o principal motivador da leitura. Em todo o século 20 as mídias se alternaram como a principal fonte de informação e comunicação. Tivemos, pela ordem: o apogeu dos jornais, a era do rádio, a era do cinema, a invenção da televisão, a música como protesto e canto do cisne da civilização, o cinema de volta – via blockbusters juvenis, a consolidação da televisão, e por fim a internet.

Como já foi amplamente analisado, a ascensão de uma mídia predominantemente escrita sobre culturas ágrafas como a televisão e o rádio reposicionou o texto escrito no alto da lista de valores para o bem comunicar. Embora a internet seja o espaço multimídia por excelência, a maioria de seu conteúdo é escrito, e assim deverá continuar. É a forma de comunicar mais rápida, dinâmica, universal, prescinde de técnica e de tecnologia. Os usuários/produtores se digladiam por atenção. E cedo descobriram que a correção textual é um primeiro passo fundamental para o sucesso na rede.

Nos primórdios da web 2.0, linguistas de todo canto se escandalizavam com a distorção da norma culta que ocorria no meio virtual. Além da salada ortográfica, havia os casos extremos em que Si cOxtumm@va iXcreVr a$im. Tão natural quanto surgiu, esse "estilo" desapareceu. A abundância de informação exigiu das mensagens um esforço de correção para que sejam entendidas de bate-pronto, senão o descarte seria imediato.

O que tem a literatura a ver com tudo isso? Certa vez lembro uma colega da faculdade de jornalismo contrariada por haver na grade curricular a disciplina de cinema. Achava desnecessário estudar teoria e prática cinematográfica, ela cujo sonho era ser repórter de tevê. Faltava-lhe entender que a linguagem de tevê se alimenta, inova e renova a partir de sua arte-mãe, o cinema. Arrisco – mas não muito – a dizer que a arte-mãe da internet é a literatura. Na postagem diária, a busca por uma individualidade formal da escrita, como o exemplo do parágrafo anterior, foi substituída pelo esforço em reproduzir os códigos comuns que tornam a comunicação possível, e ainda sugerir o novo, o não-criado. Se revelam as carências do ensino da língua no ciclo de educação básica, também demonstram uma vontade de se aperfeiçoar nela.

Neste público jovem com tendência à formação de comunidades e engajamento, a literatura juvenil de massa tem feito sucesso inédito desde, pelo menos, a primeira metade do século 20. Harry Potter, com sua estratégia de serialização, foi o abre-alas. Outras séries copiaram tanto o formato quanto a premissa e conseguiram relativo sucesso no vácuo do bruxinho. Estas abriram caminho para autores nacionais como Eduardo Spohr e André Vianco, hoje bastante populares entre adolescentes. Esses autores, e essas obras, são formadoras de pequenas redes, capazes de agregar novos leitores para si apelando à sensação de pertencimento e necessidade de up-to-date. Ler se torna uma experiência coletiva e social. O mercado editorial ganha contorno de show-business, com estreias, datas de lançamento longamente esperadas, turnês de divulgação. O jovem leitor não é mais o excluído no porão; é o conectado à urbe.

No ensaio do mês passado, publicado neste mesmo espaço, já havia citado a necessidade de os criadores literários introspectarem a necessidade de liderança. Provocar, instigar, relativizar certezas. Mas para isso é necessário não somente fazer a mensagem chegar, mas criar condições para que ela ricocheteie entre os leitores, que crie uma movimentação autônoma semelhante à dos exemplos acima, mas sem o caráter reafirmador e contemporizador da literatura de massa.

A leitura da edição de janeiro do RelevO revela uma miríade de narradores solitários. A figura do personagem interlocutor é praticamente inexistente, e mesmo o Outro observável – estilo Holden Caulfield x a sociedade – é um ente raro. Exceção notável é a crônica Balcões, de ReNato Bittencourt. Aqui, o jornal pende para um "em-si-mesmamento" hermético ao diálogo. O eu-lírico do jornal gasta quase todo o papel tentando se compreender, impedindo o leitor de também tentar compreendê-lo, ou compreender a si mesmo.

Alguns poderão afirmar ser uma tendência natural dessa forma de arte e citar uma infinidade de autores consagrados com propostas similares. Antes que o façam, concordarei previamente com o argumento, poupando-lhes o trabalho. Mas quando o único leitor a encontrar um ponto de identificação no texto é seu próprio autor, temos um inescapável problema de autoreferência. Apesar de literário, somos um jornal. Se relegarmos o diálogo com o leitor, ele reciprocamente recusará a sua leitura.

* * *

Na edição de janeiro, Daniel Osiecki comenta uma crônica de Renato Vieira Ostrowski, publicada em uma coletânea que o primeiro analisa e, coincidentemente, republicada na mesma edição do jornal. Uma informação que somente o leitor atento é capaz de captar, pois o próprio periódico em nenhum momento o informa sobre ela. Cabe ao editor promover um diálogo interno entre os autores, apontando complementações, proximidades e debates sempre que eles existiram. Pode (e deve) inclusive intervir com pequenos textos que atentam para uma leitura comparada. É a mesma procura de unidade que defendo no trecho acima.

* * *

Na edição de dezembro, o mesmo Daniel Osiecki escreveu um pequeno ensaio sobre a produção editorial no Paraná. Sua posição provocou certo burburinho no Facebook e iniciou um pequeno e saudável debate na mídia social. Um jornal mensal não consegue acompanhar a velocidade desses acontecimentos, mas é importante não deixá-los soltos na webesfera. Um convite a escrever réplicas e tréplicas, consolidando opiniões que acabam ficando soltas na rede, ajudaria a manter a discussão num bom nível de embate de ideias.

***

Autores desta seara, agridam-se com mais virulência.

Nota do editor:

É propósito do periódico promover maior diálogo entre seus conteúdos internos e trazer para o papel as discussões suscitadas em outras plataformas, fundamentais para o crescimento e consolidação de nosso trabalho. Buscaremos com mais rigor este tipo de conexão, evidentemente precária nos casos acima citados.

Daniel Zanella

SONHOS DE GELO

Márcia Széliga
Técnica: Nanquim

Algumas vezes, não sei se você pensa nisso, surge uma tristeza diferente de ser triste – e não é melancolia. É um momento interino, talvez oito e meia, quando se acorda antes do tempo e a noite ainda é majoritária em seus olhos, pulsos e peito.O dia está clareado, o quarto não, então, alguma coisa deve estar errada.

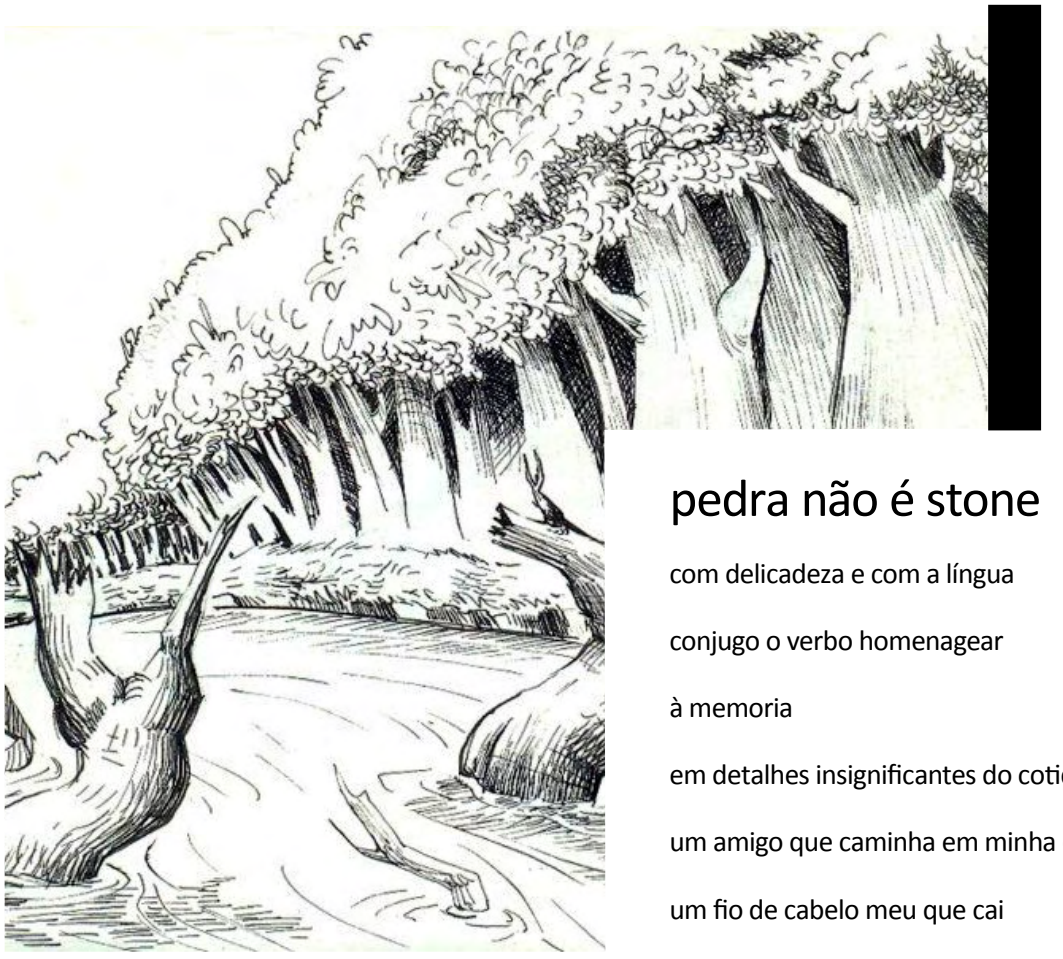
Se buscássemos um alento para o que não se sabe e não pode ser dito e isso resolvesse, nós seríamos um bom tanto menos tristes, mas desconfio que se escreveria menos: não partilho da suspeita de que um mundo com menos escritores seria menos exagerado e mais prático.

Posso especular o que estou revolvendo – aquele território intrínseco, cheio de árvores sem raízes, mágoas, rancores, tédios, a cama caseira insistindo em nos revisar de um lado ao outro em seus sonhos de gelo. Entretanto, não tenho vocação para depressivo. É preciso vocação, sabemos, até para cobrar lateral.

Tenho um projeto que não considero exatamente secreto, pois sempre o revelo sem seguridade: deixar de ser anedótico na capacidade de se entregar e não difundir informações falsas ao coração para, assim, senti-lo melhor nos fins de tarde. É de amor que estava querendo falar. Mas ela está longe. Por isso, vou sair agora de casa para tratar de resolver uma saudade. Até daqui a pouco, querida, em trinta e sete minutos chego aí.

X O X
X O O
O X ENCRENCA
LITERATURA DE INVENÇÃO
ENCRENCALITERATURA@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/ENCRENCALITERATURA
WWW.ENCRENCALITERATURA.WORDPRESS.COM

Fran Ferreira



João Paulo Melo
Técnica: Nanquim

pedra não é stone

com delicadeza e com a língua
conjugo o verbo homenagear
à memoria
em detalhes insignificantes do cotidiano
um amigo que caminha em minha direção
um fio de cabelo meu que cai
uma mosca percorrendo o céu
um punk lendo Nietzsche
penso que pedra não é stone
e
volto à presença do tempo fluido

piedra no es stone

con delicadeza y con la lengua
conjugo el verbo homenajear
a la memoria
en detalles insignificantes del cotidiano
un amigo que camina hacia mí
un pelo mío que se cae
una mosca recorriendo el cielo
un punk leyendo Nietzsche
pienso que piedra no es stone
y
vuelvo a la presencia del tiempo fluido

(TRADUCCIÓN AL ESPAÑOL POR CONSTANCE PINHEIRO)

Priscila Lira

Márcia Széliga
Técnica: Nanquim

UM LUGAR CHAMADO NIHIL

A vida é uma dor tranquila
indivisível
se espalha pelo teu corpo e
engasga de surpresa.

Não para morreres,
para lembrares que é dolorida
indivisível.

A mentira se engole
e te mastiga feito fosses um pedaço de bife
cru

A geografia te arranca pela raiz e
deixa tuas folhas por todas as cidades por onde passaste.
Mesmo que voltes,
não as recuperarás.

A derrota te acompanhará por todos os cantos
rondando-te,
quando menos esperares
ela te engasga
não para morreres,
para lembrares que é dolorida, a vida,
indivisível.

A morte, tu escondes no fim do labirinto da tua cabeça,
mas ela se move e tu não percebes
encontra teus pais no meio do caminho, um filho,
ou mesmo tu, perdido no próprio jardim

Mas é uma dor tranquila, a vida
tu te acostumas
passeias pelo labirinto
a colher plantas e abelhas
dormes, amas, esqueces, traveste-se, deixas a barba crescer,
sorris, lembras-te, com leveza, das folhas perdidas,
encorporas a mentira consigo,
digeres a derrota com um sal de frutas
e caminhas até quando (?)

ela te engasgar de surpresa
para que tu morras
e lembres que é dolorida, a vida,
indivisível.

Amanda Tintori

Luna Loo
Técnica: Nanquim

EU OLHO DE VOLTA

Eles olham pra mim
seus olhos cheios de desejo
de fome
de desrespeito
Eu olho de volta
meus olhos cheios de raiva
de medo
e revolta
Seus olhos me secam
me ofendem
Mas eu olho de volta
bem no olho
e meu olhar diz:
Você pode olhar, você pode tentar
tirar tudo de mim
minha paz, minha roupa,
meu sangue
pode me objetificar
mas o que me faz humana ninguém vai tirar
e é essa raiva no olhar

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

Yuri Al'Hanati

Luna Loo
Técnica: Nanquim

O RIO E O CANO]

Assim como muitas coisas saem de muitos lugares, o cano saía do meio da terra. Era como se a construção houvesse sido interrompida ali, na margem do rio, não de forma proposital, mas por uma limitação da engenharia moderna, que não consegue continuar a construir canos quando seu curso chega até um rio. Essa impressão era particularmente reforçada por dois fatos: o primeiro, a aparência incompleta do cano, que tinha não só sua larga boca cinzenta à mostra, mas também possuía vigas e outras sobras de construção em seu entorno. O segundo era a existência de outro cano virtualmente idêntico a esse na outra margem do rio, na mesma altura. Ambos despejavam continuamente uma água lamacenta e marrom no leito do rio, que aceitava os dejetos da cidade como se não fossem nada. E isso parecia mesmo verdade porque, afora uma borbulha branca e pastosa no entorno da descarga, dali a uns poucos vinte metros já não era possível distinguir o que era rio e o que era lixo.

A descarga do cano era o substrato da cidade que cresceu no entorno do rio. Dizem que a cidade nasceu ali justamente pela presença do rio. É sempre bom construir cidades próximas a rios porque se faltar comida, os citadinos podem pescar por ali. E, se faltar água, vejam só, podem pegar no rio também. Conforme a cidade foi crescendo, o rio, largo, longo e caudaloso, passou a ser visto não como um rio, mas como uma esteira de produtos que a cidade poderia mandar para outras cidades que estivessem na mesma direção da corrente. Era só colocar o barco ali e deixar a natureza fazer o seu papel. Não havia quem não pensasse que aquilo era realmente conveniente. Em outros rios, em regiões mais afastadas que produziam madeira, a tora podia ir direto no leito, sem precisar de embarcação. Mas não demorou muito para que percebessem que o rio poderia ser também uma esteira de produtos indesejáveis, que precisavam ser expulsos da cidade. Como o lixo e o esgoto. O problema do lixo, raciocinavam os citadinos, é que não dá pra fazer nada com ele, então ele precisa ir para algum lugar. O rio poderia proporcionar esse transporte, e assim foi feito. É claro que a ideia de que o rio não poderia ser fonte de água e comida e transporte ao mesmo tempo estava implícita, mas ninguém pareceu se importar com isso porque, afinal, comida e água chegavam de outros lugares. A comida poderia vir do campo e a água, de outros rios mais longínquos que não serviam de transporte para o lixo. Aliás, tudo poderia vir

do próprio rio, da altura de seu curso que ainda não tivesse lixo nele. Por isso, construíram os canos incompletos quase na saída da cidade, e durante um tempo a coisa mais ou menos deu certo.

Só que aí duas coisas deram errado. A primeira foi que a cidade cresceu, e aquele cano que antes ficava na saída da cidade passou a ficar no meio dela. Outros canos tiveram que ser construídos também, porque a quantidade de esgoto aumentou, e esses foram construídos em qualquer lugar no leito do rio, não importava. A comida continuava a chegar do campo e a água continuava a chegar dos rios longínquos, esse era um problema resolvido, o que precisava ser feito de mais urgente era tirar o lixo daquela cidade, até porque o cheiro do lixo é muito ruim e confunde a cabeça das pessoas que tentam pensar em soluções para o que fazer com o lixo. Não vou dizer que ninguém pensou que o lixo daquela cidade acabaria indo parar na parte do rio que passa por outras cidades, para aquelas que, em outros tempos, recebiam produtos, e não lixo, pelo rio. Não vou dizer, mas, se de fato alguém pensou, o assunto foi muito pouco discutido. Como eu disse, o cheiro do lixo confunde a cabeça das pessoas.

A segunda coisa que deu errado foi justamente essa solução. Porque, assim como a cidade teve a ideia de mandar o lixo para outras cidades que estavam no mesmo curso, uma cidade que ficava na direção contrária à corrente do rio teve a mesma ideia, e logo um lixo estrangeiro começou a chegar por ali. E em grande quantidade, já que aquela era uma metrópole muito maior que a cidadela que estava começando a crescer. Àquela altura, não havia mais peixe no rio, todos haviam morrido por falta de oxigênio. O oxigênio do rio era roubado pelas plantas aquáticas que se alimentavam do lixo orgânico, que é o lixo que sai desse tipo de cano, geralmente.

Mas a água ainda era usada para algumas coisas, como para regar o campo que enviava comida para a cidade e para as pessoas que moravam na cidade, porque elas também precisavam de água para tomar banho, lavar as coisas que estavam sujas e até para beber. Os citadinos precisaram, então, construir um sistema de tratamento de água, que, vejam só, separava a água do lixo depois que eles mesmos jogavam o lixo na água. É claro que uma coisa dessas custa dinheiro, e gasta energia. Então todo mundo começou a pagar mais caro pelo sistema de encanamentos que levava a água do rio para as casas e das casas de volta para o rio, com sujeira. Com isso, a comida que vinha do campo começou a ficar mais cara, já que agora os camponeses precisavam pagar pela água que usavam para fazer a comida. De certa maneira, isso tudo encareceu muito morar na cidade, já que os citadinos precisavam pagar pela água que usavam em casa, pela água que os camponeses usavam para fazer a comida – o preço da água já vinha no preço da comida – e ainda precisavam pagar pela água engarrafada, que também era tratada, mas de um rio limpo e bem longe dali. Todo mundo teve que trabalhar em coisas que dessem mais dinheiro, como fazer produtos que pudessem vender mais caro. Só que esses produtos davam mais trabalho pra fazer, consumiam mais energia e produziam mais lixo como subproduto. Com isso o rio ficou mais sujo e outras estações de tratamento de água tiveram que ser construídas, o que deixou tudo um pouquinho mais caro. O leitor atento pode perceber que isso acabou gerando um ciclo vicioso no qual os citadinos trabalham mais para poder pagar por uma vida que eles mesmos deixam mais cara.

Nem só de operários e de estações de tratamento de água vive uma cidade. Esta também tinha sua classe de intelectuais. Eram professores, escritores, poetas, filósofos, livres pensadores que eram acostumados ao modo de vida da cidade e que por isso viviam ali. Todos eles já caminharam pelo menos um par de vezes no leito do rio, que, se por um lado era sujo e desagradável, por outro tinha uma bela marginal, com ciclovias, bancos e muitas árvores, porque aproveitar a natureza, concluíram os citadinos em algum momento, era parte indispensável de uma vida com qualidade. De maneira que todos esses intelectuais viam os canos de esgoto e sabiam que era ali que desembocava a sujeira que produziam em suas próprias casas. Nenhum deles, mesmo assim, pensava sobre o assunto, embora o trabalho deles fosse basicamente este: pensar sobre as coisas. E eles não o faziam por duas razões. A primeira era porque, intimamente, aceitavam que aquele era o limite da civilização. A limitação não era da engenharia, que não conseguia construir canos sobre rios, mas era da interação com as forças da natureza. É o máximo de aproveitamento que conseguiriam daquele rio, então se conformavam em saber que dali não parecia haver para onde ir. A segunda razão era que pensar sobre a interação entre homem e natureza era uma coisa um pouco desprezível, e geralmente de responsabilidade de profissionais ambientalistas, conhecidos por serem chatos de galocha que, justamente, não se conformam com aquele limite da civilização e se prendem a ideias utópicas que são impossíveis de se colocarem em prática. Nenhum intelectual gosta de ser visto como um ambientalista, ainda mais que a maioria deles é maconheiro ou homossexual, quando não os dois! Os intelectuais da cidade eram como os intelectuais do resto do mundo: se importavam em lidar com o fator humano em si mesmo. Suas aspirações, seus medos, suas fraquezas e seus sentimentos, mas tudo de forma isolada e dentro do contexto da cidade. Isso porque a maioria das pessoas que iam comprar seus livros e suas ideias eram pessoas da cidade e gostam de se sentir especiais e complexas por morarem na cidade, que é, como vocês já devem ter percebido por tudo o que eu escrevi, um lugar verdadeiramente especial e complexo. Além do mais, escrever coisas ruins sobre a cidade desanima as pessoas de morarem lá, e isso as faz sentir culpadas. A culpa na cidade tem desdobramentos que vão muito além da nossa imaginação, por isso nem vamos entrar nesse mérito. Aliás, pensar sobre a culpa na cidade é pior do que pensar sobre o cano de esgoto que desemboca no rio, por isso, vamos fazer como os intelectuais da cidade e deixar isso pra lá. O importante é que não dá pra escrever e pensar sobre o lixo na cidade.

Foi isso o que me disseram quando uma vez escrevi um texto sobre o assunto e levei para meu editor. Ele não disse com todas as letras que eu estava ficando maluco, mas deixou essa impressão muito forte na maneira desconfiada com que reagiu a ele. A primeira coisa que me disse foi que não sabia que eu era um ecologista tão preocupado com essas questões. E eu, que nunca me considerei um ecologista e sempre achei ambientalistas chatos e utópicos, me senti espremido contra a parede. Me senti culpado por pensar naquelas coisas que escrevi. E, enquanto eu pensava justamente na culpa que estava sentindo, meu editor perguntou se foi por um sentimento de culpa civilizacional que escrevi aquele texto.

E mais uma vez não soube responder. A culpa é a grande motivadora da literatura, para alguns intelectuais. Mas acho que só escrevi aquilo porque era uma coisa muito visível pra mim, que havia me mudado para perto do rio e que agora via os canos de lixo mais de perto, falei pra ele. Os olhos dele então se iluminaram como se passasse a enxergar de súbito uma qualidade no meu texto. Desenvolvendo seu olhar de cronista, então?, ele me indagou, e novamente achei aquela pergunta difícil. Não queria escrever uma crônica sobre aquilo, e temi que ele pedisse para que eu reescrevesse aquilo sob a forma de crônica. Mas também percebi que poderia vender minha ideia para ele se falasse como um intelectual. Disse então que quis fazer uma narrativa da condição humana indissociável da natureza, que a tem, num primeiro momento, como provedora e, num segundo, como problema, e que essa problematização tinha a ver com o espírito humano em toda sua complexidade. Ele realmente gostou dessa resposta, e por alguns instantes minhas palavras fizeram súbito sentido pra mim.

Mas aí o lado editor dele falou mais alto e disse para mim que, embora a ideia dessa discussão fosse muito boa, ninguém ia pensar sobre isso se eu não explicitasse essa problematização no próprio texto, e que isso inevitavelmente iria tirar seu valor por ser um desses contos autoexplicativos que subestimam a inteligência do leitor. Mesmo que ele realmente nunca perceba essa questão, não se pode subestimá-lo, disse, em um tom mais paternalista do que no começo de nossa conversa. Ele falava como um editor experiente fala a um escritor inexperiente, que pode até entender de escrever, mas não entende da recepção do público. Ele me disse então para reescrever o texto. Deixá-lo menor, do tamanho de um conto, e usar palavras simples, didáticas. O texto poderia muito bem ser apreciado pelo público juvenil, até mesmo em discussões escolares, e quando ele disse isso, ficou subitamente entusiasmado com a ideia de vendê-lo para a rede pública de ensino. Isso era bom negócio para qualquer editora. De repente, ele passou a adorar a ideia, e disse que eu precisava fazer isso, que ia dar muito certo. As crianças de hoje em dia têm essa consciência ecológica muito mais desenvolvida, ele disse, e isso pode fazê-las pensar sobre uma coisa ou outra. Eu disse que não queria escrever um livro infanto-juvenil assim, a partir desse conto e enchê-lo de lição de moral, eu queria escrever algo adulto, como eu sempre escrevi. Não poderia escrever um conto adulto sobre rios e esgotos? Ele disse que seria complicado escrever aquilo num tom em que as pessoas não tomassem como lição. Mas qual é o problema da lição, perguntei de maneira realmente inocente, porque já sabia da resposta. Todo mundo já sabe que os esgotos poluem os rios, ele respondeu, da maneira mais didática e paciente que conseguiu. Falar que isso é um problema não é novidade para ninguém, só vai fazer as pessoas se sentirem culpadas e não vai oferecer nenhum conforto nessa problematização. Ahá!, exclamei. Mas como é que algo pode ser passado como lição se só apresenta o problema? Meu filho, disse ele, tá todo mundo fudido nesse planeta. Você, ao escrever sobre isso, está menos errado do que o resto das pessoas que não escrevem e não pensam sobre isso todos os dias. E quem é que gosta de estar mais errado do que alguém só por não pensar em questões tão incomodantes como esta? Faz esse texto pra garotada, a gente publica na internet, todo mundo vai compartilhar, vai ser bacana. Mas não faz disso o seu cavalo de batalha, isso não vai te levar a lugar nenhum como escritor. No máximo vão te chamar para dar palestras sobre um assunto que você não entende.

Não tinha jeito, eu não ia conseguir convencê-lo. Voltei pra casa pensando nisso. No caminho passei pelo rio e pelos canos. Muitas coisas saem de muitos lugares, assim como os canos saem do meio da terra. Outras coisas não saem de lugar nenhum e outras, as piores, não têm nada saindo delas.

Danilo Augusto

EU COMECEI A APERTAR A LETRA P DE POEMA

Eu comecei a apertar a letra p de poema
E pensei poema não e apertei a letra p de punheta
E pensei também vai ficar ruim e vai ficar até pior

Sheyla Amaral

JÁ VIROU CICATRIZ

Todo aquele estado febril
queimando por dentro
E toda aquela loucura
lava quente
boca, lábios, pernas e dentes
E todo aquele choro
E toda aquela fúria
E toda aquela angústia
de dias, meses e anos
São dias que passaram
Saíram do hipocampo
E estão lá, guardadas no córtex
Já não sangram mais.

FIM DE MÊS]]

Ana Figueiredo

Texto integrante da antologia Livro dos Novos, da Travessa dos Editores, de 2013.

18 horas. Finalmente em casa, derreteu-se no sofá rasgado e ligou a novela medíocre. Suor. Cansaço. Sofrimento. Cimento. A camiseta manchada de cal grudava em seu corpo. Os olhos pesados começavam a descansar, mas seu cochilo foi interrompido pela inocente gargalhada de criança. O garotinho de apenas cinco anos escalava seus joelhos e pernas até se aninhar em seu colo e lhe dar um melecado beijo no rosto. Pequenos cachos cor de areia emolduravam o seu rostinho sorridente. Tinha os terríveis olhos da mãe, transbordavam um mel amargo. Indagou sobre o jantar, mas na falta de alguma resposta ele apenas se ergueu e encheu a barba do pai com seus beijos de passarinho. Dor. Os armários estavam,mais uma vez, vazios.

Entrou no banho e deixou a água gelada correr pelo corpo, esperando que pudesse lavar sua alma, imaginando se alguma solução poderia brotar do ralo. Barbeou-se cuidadosamente, começando mais uma vez o doloroso ritual de fim de mês. Pagava o aluguel com humilhação. Vestiu a meia arrastão, que ardia contra as pernas raspadas. Um top vermelho vivo, que a mulher tinha deixado para trás quando os abandonou, contrastava com o peito nu. Uma saia curta cheia de brilhos deixava à mostra as coxas musculosas. Cobriu os grossos fios negros com uma volumosa peruca loira. Batom vermelho, sombra azul e cílios postiços. Cada pequena ação, sentida como um golpe, baixo e sujo, em quem já se encontra caído no chão. Altíssimas sandálias douradas, que combinavam com a pequena bolsa. Não possuía coragem para encarar seu reflexo bizarro no espelho, era deprimente. O pequeno fitou a peruca e esboçou um sorriso sincero: “Adoro quando você se fantasia, pai”. Gentil e inocente, como se não percebesse a grande piada de mau gosto que a vida era. Um rápido abraço de boa noite, desejando que aquela visão se apagasse da memória — de ambos.

Duas espirradelas do adocicado perfume da falecida mãe e trancou a porta. Mais uma vez, cheio de náusea e vergonha, ele aguentava em silêncio os olhares de reprovação que recebia dos vizinhos, eram todos tão podres quanto ele e, mesmo assim, o julgavam. O grande cortiço imundo em que vivia o desprezava, as janelas transbordavam de putas e pobres rindo dele. A margem da escória. Entrou no ônibus e recebeu mais um aguaceiro de encaradas maldosas. Nos comentários mais vis, ouvia claramente a voz da esposa ecoar pelas paredes. Eternidades passaram em sua mente atormentada, até que encontrou a rua, e lá eram todos iguais.

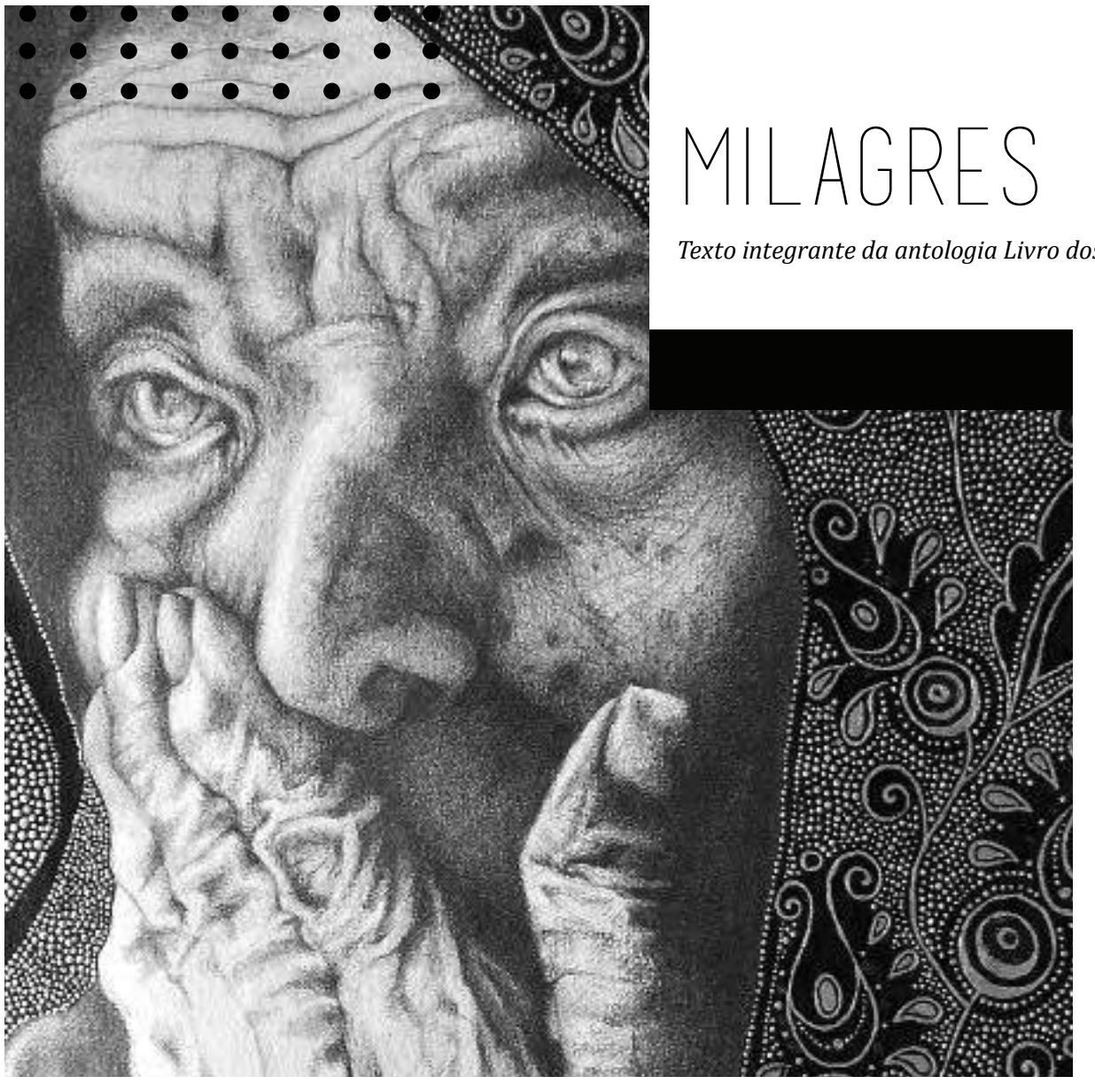
Pequenos homens brincando de grandes mulheres ou seria justamente o contrário? Não importava quem eram à luz do dia, à noite eram vestidos e pintados, eram outros personagens. Fosse por amor, vontade ou necessidade. Os que amavam o show e os que detestavam a vida. Todos estavam à espera de um carro, de um homem casado, de um homem solteiro, de um dinheiro qualquer. Apoiou-se em uma caminhonete prateada. Precisava pagar o aluguel.

João Paulo Melo
Técnica: Nanquim

Francine Porfírio

MILAGRES TRIMESTRAIS

Texto integrante da antologia Livro dos Novos, da Travessa dos Editores, de 2013.



Luna Loo
Técnica: Nanquim

Milagres são impossíveis, pensou Fabiane ao sair do escritório de advocacia com a expressão decepcionada. Outra entrevista de emprego fracassada. Não poderia esperar algo diferente de suas últimas fatídicas experiências, não quando o volume de seu ventre era tão proeminente no seu sexto mês de gestação. Difícil esconder algo tão óbvio. Difícil até mesmo pensar que devesse esconder.

Fabiane se sentia orgulhosa de si mesma por ser mãe. Ela não esperava estar sozinha com 32 anos, com um vasto repertório de relacionamentos desajustados e superficiais, frustrada e magoada por ser incapaz de construir uma família. Ela não esperava, também, encontrar na academia que frequentava um folder bastante explicativo sobre fertilização in vitro. Poderia dizer que foi o destino, se a empresa na qual trabalhava há anos não falisse três meses depois do procedimento. Grávida, desempregada e solteira. O que mais faltava acontecer?

Não ousou chorar, porque seria uma afronta ao pequeno Eduardo em desenvolvimento. Ela decidira não saber o sexo ainda, mas já assumira o nome. Era como se sentisse que seria um belo menino, com os olhos claros e os cabelos loiros que escolhera entre os cadastros dos doadores disponíveis no laboratório. Um pequeno bebê rosado. Um ser que precisavadela. Permitir-se derrotar tão facilmente seria envergonhar o modelo de mãe que desejava seguir.

Inspirou o ar pesadamente antes de se sentar em seu fusca 78 com o anúncio “vende-se” fixado no vidro traseiro. Seu telefone celular em grandes números fora um arrependimento imediato quando vários motoristas mal-intencionados ligavam apenas para zombar dela, mas o anúncio era necessário. E não havia mais um número de telefone fixo em seu pequeno apartamento. Cortes de gastos, substituídos pelo valor das consultas pré-natais que o cancelamento do plano médico causou.

Dirigiu com calma até a próxima entrevista de emprego, a primeira para a qual mentira não ter formação superior ou ambições salariais. Fabiane esquecera disso até assumir a secretaria de um prédio comercial sem carteira assinada ou licença-maternidade, contando apenas com os três salários mínimos mensais que receberia. Uma pechincha pelo conjunto dos seus pés doloridos, costas tensas, pressão alta e um sorriso forçosamente polido nos lábios. Ah, realmente, milagres são impossíveis. E a vida parecia provar-lhe isso a cada término de dia; a cada cliente impaciente que atendia.

Eduardo continuava empurrando-lhe as entranhas quando reclamava mentalmente, como se quisesse provar não estar sozinha como se sentia. Ele estava ali, embrenhado na sua ansiedade e testemunhando seu esforço. Isso renovava- lhe o ânimo, dava-lhe esperança, fazia-a não perder a própria identidade ao desempenhar o papel de funcionária decente e satisfeita apesar de viver o medo constante de que a mandassem embora pelas dificuldades que a gestação naturalmente acarretava.

Foi numa terça-feira que recebeu uma proposta de compra do seu fusca. No mesmo dia aceitou se encontrar com o potencial comprador. Foi durante o fim de tarde, quando já assinavam os termos, que uma dor excruciante a dominou e o desconhecido com o cheque em mãos levou-a ao hospital mais próximo. O cheque saldou todos os procedimentos cirúrgicos e imediatos, especialmente o internamento de Eduardo — que era menino, embora nada loiro — e permitiu também que uma amizade nascesse.

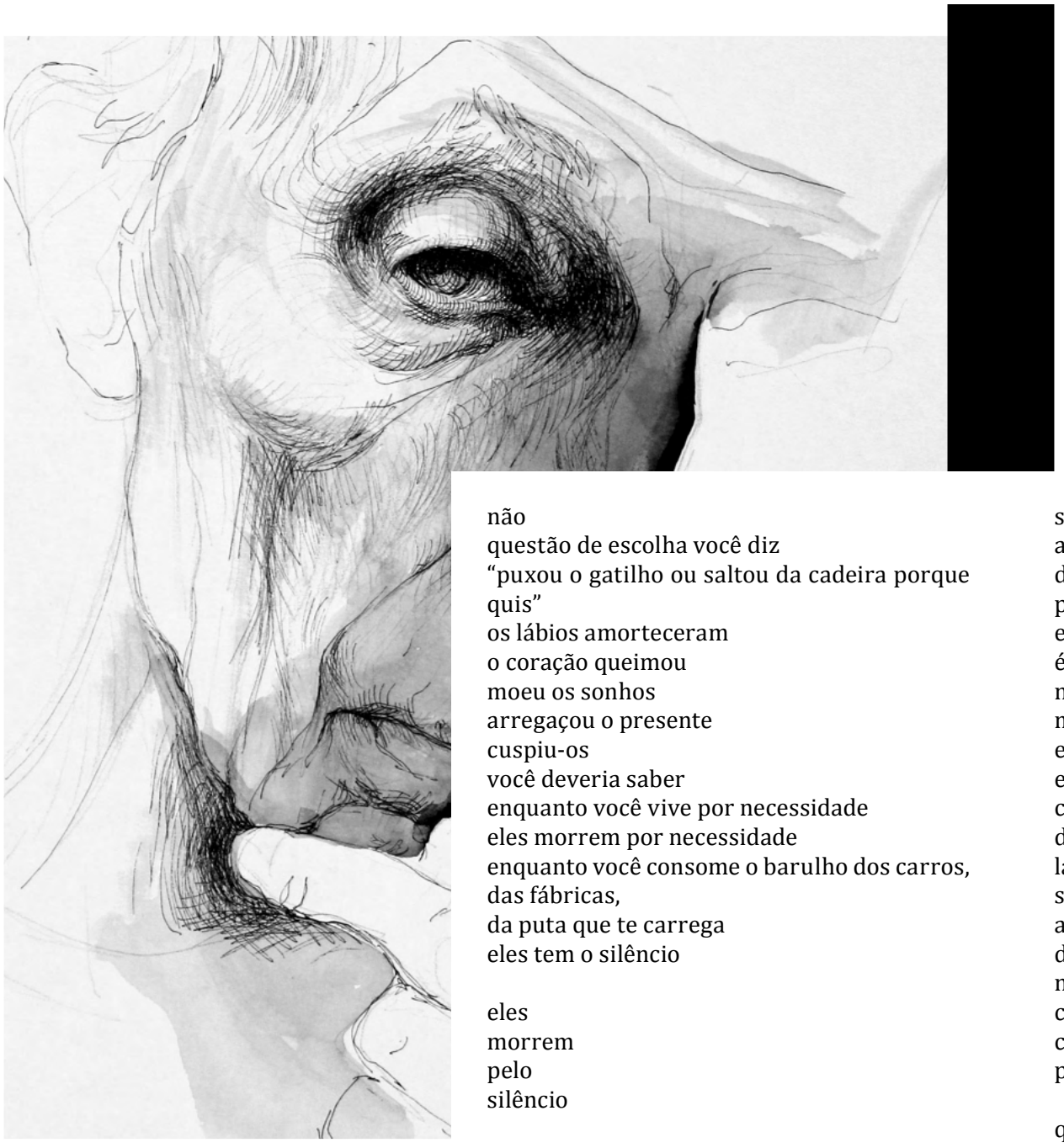
Eduardo ficou três meses em uma incubadora com visitas diárias. Período em que Fabiane o acompanhava; período em que o nome do desconhecido tornou-se íntimo: Diego.

Não havia como pagá-lo pela ajuda que oferecia, financeira e emocionalmente, pensava Fabiane, mas ele parecia muito satisfeito para quem nada recebia em troca. Foi no dia em que Eduardo recebeu alta que Diego rouboulhe um beijo e provou- lhe de um jeito estranho estar completamente errada.

Há nove meses engravidara e perdera o emprego. Há seis meses fora contratada e passava por problemas financeiros. Há três meses conhecera Diego. E neste exato instante via em seus olhos as promessas de que desistira encontrar. A cada trimestre sua vida melhorara, ainda que parecesse piorar. Ela sorriu ao encará-lo. O que aguardar dos próximos três meses?

É, talvez milagres fossem possíveis, enfim.

Victor Hugo Turezo



Luna Loo
Técnica: Nanquim

não
questão de escolha você diz
“puxou o gatilho ou saltou da cadeira porque
quis”
os lábios amorteceram
o coração queimou
moeu os sonhos
arregaçou o presente
cuspiu-os
você deveria saber
enquanto você vive por necessidade
eles morrem por necessidade
enquanto você consome o barulho dos carros,
das fábricas,
da puta que te carrega
eles tem o silêncio

eles
morrem
pelo
silêncio

sente um pouco
aqui, querida
dor
pegue uma cerveja
emborque-a e sinta
é ruim, não?
no começo é um pouco amargo
mas depois de alguns anos torna-se aceitável
e já estaremos nos amando
em grandes e verdes gramados
contemplando nuvens
de
lágrimas
sente um pouco
aqui, querida
dor
nós estamos esperando
como os viciados esperam
como os mortos esperam
pelo sino que romperá nossas almas

qualquer sinal de liberdade
sente um pouco
aqui, querida
dor

Munique Duarte

João Paulo
Técnica: Nanquim

O MAR SEMPRE TEM RAZÃO

Visto de cima o mar é uma grande placa azul que nunca erra. O mar sempre tem razão. Balançando na pequena barca, as certezas também balançam. Mas certezas são inabaláveis. Em seu vestido preto de corte duro pensa no mar e suas conclusões. As águas correm com força e sempre chegam. Não importa aonde ou como, mas sempre chegam. Chegar era o objetivo da pequena viuvinha em trajes sérios. Viúva de seu próprio passado morto. Ao redor, alguns olhares a espetam. A tarde demora a findar. O sol apareceu depois de quatro dias, retirando o cinza das águas frias. O destino ainda está longe. Requer muitas noites de sono. Pesadelos a atormentavam. O minúsculo navio era sempre atingido pelo inimigo e levava horas cruéis para adormecer na areia do fundo do oceano. Lentamente despedia-se do horizonte. Ela sempre desmaiava e acordava respirando debaixo d'água em outra cidade, cheia de flores e mulheres e homens ruivos que a ofereciam mais flores e casas para se hospedar. Falavam um idioma estranho, como muito requebrar de língua, mas compreendia e rejeitava as hospitalidades, até acordar no frio da madrugada sobre um fino colchão sujo. Mulheres para um lado, homens para o outro. Mas o dia era de todos tomando sol sobre o casco do navio. Lagartos enjaulados na esperança de rotinas melhores.

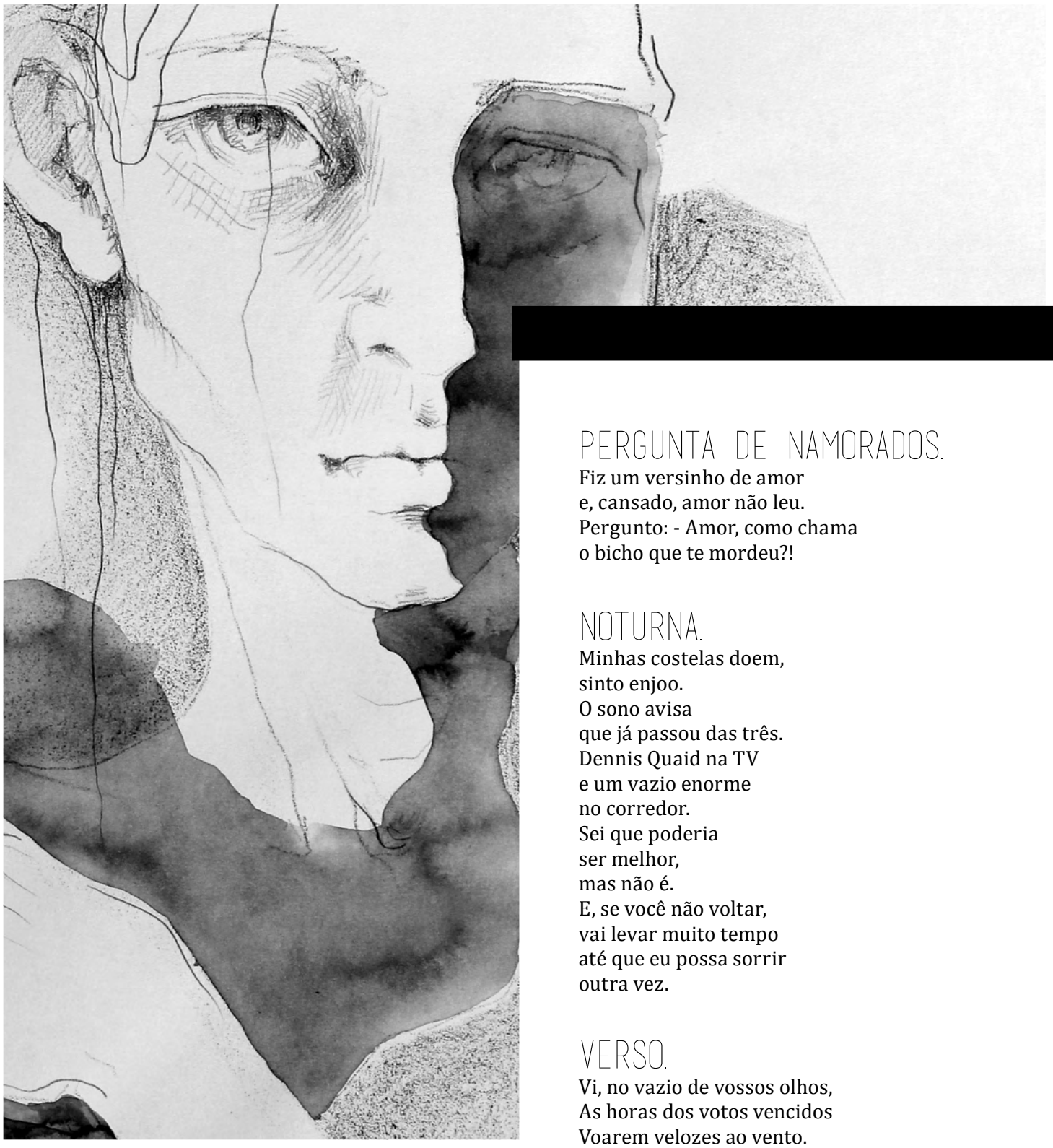
Sozinha, não tinha mais passado. O sangue em suas veias não se repetia em mais ninguém. Viuvinha de olhos secos. A vinte seis dias de seu destino. Apenas uma lembrança a assaltava. Uma casa enorme, muito antiga, com portas enormes onde passaria um gigante. As janelas com os vidros meio quebrados. As escadas com degraus de castelo. Todas as camas pareciam de livros encantados, com lençóis muito brancos. Havia um homem que sempre dizia que ela era o seu tesouro. Imaginava um baú com moedas faiscantes e colares de pérolas. Todas as pérolas do mundo. O homem a tirara da rua. Ela adorava comer batatas no fim da noite. Seu quarto era pequeno, com perfume de amora. Era um mistério de onde vinha o perfume. Assim como a visita de tantas pessoas que acontecia nos fins de semana. Ficava a maior parte do tempo no quarto, brincando com uma boneca vestida de rosa. Às vezes, passeava no jardim com o homem que resolveu criá-la. Ele era calado, já bem velho. Sempre dizia que um dia ela estaria pronta. E que seria a mais linda de todas. Não entendia nada já pensando nas batatas do jantar.

Um dia um homem calvo entrou seu quarto. Ela nunca o havia visto pela casa. Vestia-se bem. Fechou a porta e começou a conversar assuntos simples. De olhos vivos ela o observava. Os olhos deles pareciam duas bolotas de ferro frio. Naquela noite enjeitara as batatas do jantar. Uma dor lhe subia do umbigo e fazia seus olhos se encherem de lágrimas. Lembrava-se das mãos geladas do homem com olhos de ferro. Tantos outros homens com olhares de metal ainda entraram em seu quarto depois daquele dia. Por tantos outros dias, por tantos outros anos.

O mar enorme se acinzentava com o fim do dia. Olhos ao seu redor a espetavam, mas não a sangravam. Era um coágulo vestido de preto. Viuvinha debaixo de gaivotas. Seus olhos secos de amora não se importavam mais. O destino incerto ainda aguardava dias balançando sobre a água. O mar é uma placa azul enorme que se desfaz toda a noite. O mar é uma cidade enorme cheia de flores com vagas para se hospedar.

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES
Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro - Araucária. Fone: (41)3642-1622

Flávia Marks



Luna Loo
Técnica: Nanquim e aquarela

PERGUNTA DE NAMORADOS.

Fiz um versinho de amor
e, cansado, amor não leu.
Pergunto: - Amor, como chama
o bicho que te mordeu?!

NOTURNA.

Minhas costelas doem,
sinto enjoo.
O sono avisa
que já passou das três.
Dennis Quaid na TV
e um vazio enorme
no corredor.
Sei que poderia
ser melhor,
mas não é.
E, se você não voltar,
vai levar muito tempo
até que eu possa sorrir
outra vez.

VERSO.

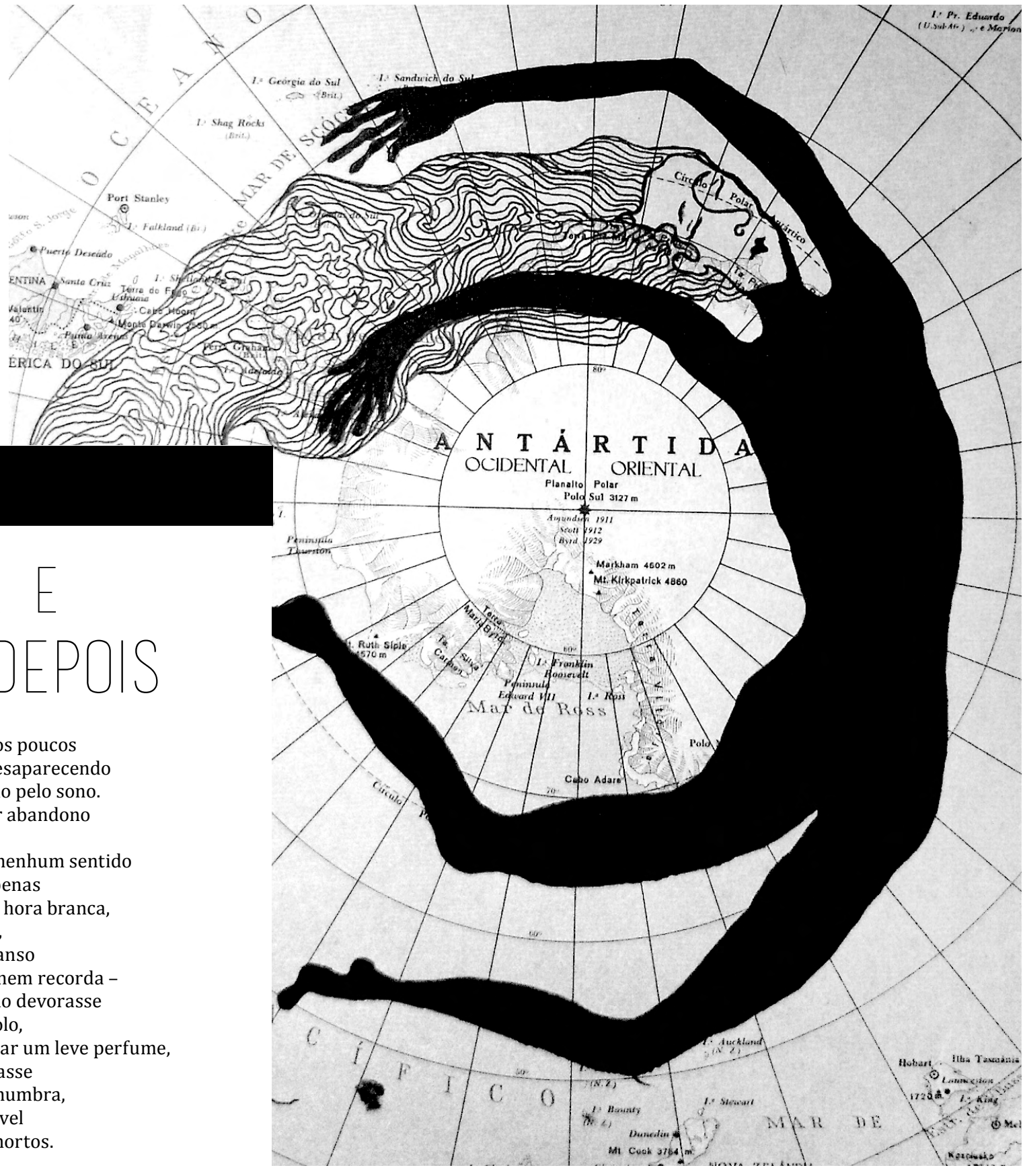
Vi, no vazio de vossos olhos,
As horas dos votos vencidos
Voarem velozes ao vento.
Vi a vida enviesar no momento
Dos vastos amores extintos.

Luna Loo

Mariana Ianelli

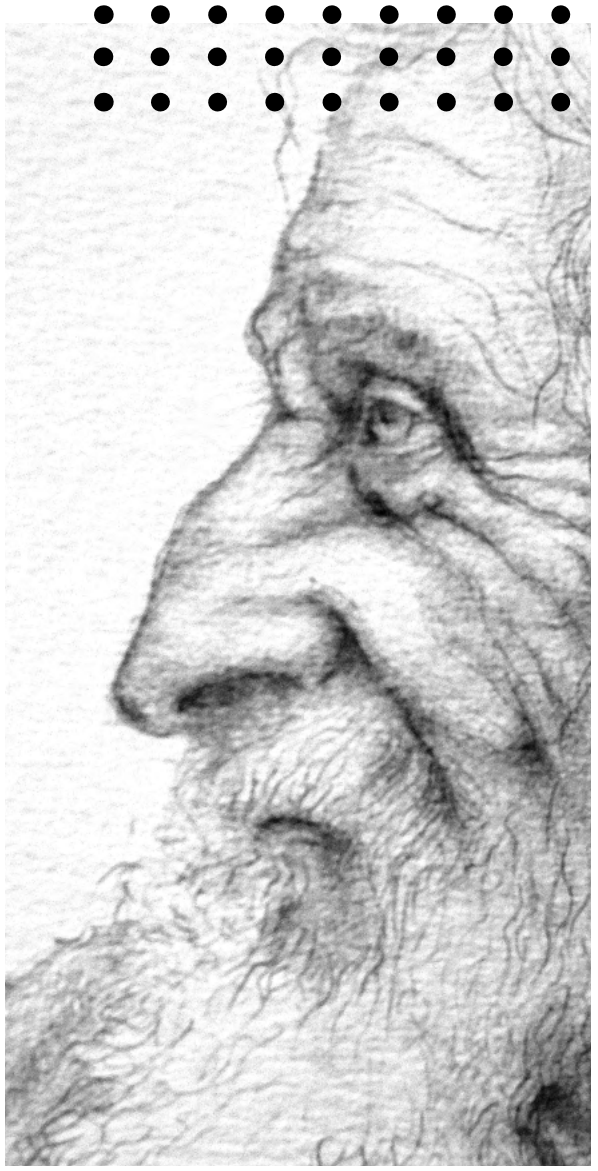
O AMOR E DEPOIS

Era esperado que aos poucos
Definhasse, fosse desaparecendo
Naturalmente levado pelo sono.
Era suposto que por abandono
Morresse –
E não teria o vento nenhum sentido
De ventura, seria apenas
A passagem de uma hora branca,
Entre outras tantas,
Para um coração manso
Que já nada espera nem recorda –
Como se o tempo não devorasse
Também o desconsolo,
E dele fizesse exsudar um leve perfume,
Como se não arrastasse
Cada corpo uma penumbra,
Como se fosse possível
Em vida a paz dos mortos.



Iara Amaral
Técnica: Nanquim

Mateus Ribeirete



Luna Loo
Técnica: Nanquim

CARTA A DEUS

Deus,

Antes de mais nada, dai-me licença para julgar-te responsável por todos os acontecimentos aqui relatados. Desculpai-me por fazê-lo apenas para tirar um texto de meu imaginário. Espero que não fique bravo. Aliás, eu precisava ter falado "dai-me licença"? Confesso não ser bom com essas coisas – o Senhor deve lembrar que durante a catequese eu fui à Igreja de bermuda e camisa do meu time, e só cheguei nos quinze minutos finais para carimbar minha participação. Se o Senhor não existir, ok, mas se apenas fingir não existir, adoraria uma confirmação indireta de leitura.

A questão é que Deus, você, o Senhor (deixai-me falar 'você', por favor, e deixai-me não usar essa conjugação), num ato de inspiração, criou **Jackson Carey Frank** em março de 1943, na cidade de Buffalo-EUA. Com onze anos, porém, você lembra o que aconteceu com ele? Com certeza lembra, seu oniscientezinho (perdão). A caldeira de calefação da escola de Jackson C. Frank explodiu, incendiou o colégio e deixou 18 mortos, além de queimar metade de seu corpo, cravando cicatrizes visíveis do rosto às mãos. Você deve ter ideia do trauma que isso causa em uma criança (e, por favor, pare de ser egoísta e compartilhe logo esse tipo de conhecimento com as neurociências).

Claro que você caprichou nos detalhes: o desastre ocorreu numa aula de música.

Eis que é lançado no fogo, para ser consumido; ambas as suas extremidades consome o fogo, e o meio dela fica também queimado; serviria porventura para alguma obra?
Ezequiel 15:4

Menos mal que, década depois, um Jackson já interessado por música recebeu indenização de 110 mil dólares, ainda que um terço deles se destinasse aos advogados. Crente em não guardar dinheiro para nada, ele viajou e foi morar em Londres, onde conheceu Al Stewart e Paul Simon. Interessante balanço, Deus. Seu único disco, homônimo (1965), foi produzido pelo próprio Simon em gravações que Frank não aceitava ser visto. Para tocar seu folk, era preciso que cortinas o protegessem.

Como você bem sabe, o resultado foi brilhante: Jackson C. Frank distribuiu dez músicas atemporais com um violão e arrobas de melancolia, não à toa louvadas por Nick Drake e reproduzidas por seus contemporâneos Simon and Garfunkel e Fairport Convention, mais os modernos Erland and The Carnival e Laura Marling, entre outros.

E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga.
Lucas 12:19

Você não o premiou com zeitgeist: o sucesso não veio e já se via o fundo da garrafa de dinheiro. Jackson voltou aos Estados Unidos por dois anos para então retornar à Inglaterra, onde se sentia mais à vontade. A nova tentativa de emplacar musicalmente não deu frutos, pois ele simplesmente não conseguiu compor. Outra vez na América, Jackson se estabeleceu em Woodstock, quando você parecia lhe ter reservado alguma tranquilidade. Lá, casou-se e teve dois filhos. Todavia, ainda pequeno, um deles morreu de fibrose cística. Por que isso, Deus? Você não podia deixá-lo em paz? Lógico que ele iria perder a cabeça.

Daí pra frente, você fez Jackson C. Frank rodar por inúmeras internações, já diagnosticado com esquizofrenia. Desgastado, ele negava e atribuía tudo a seu trauma de infância. Mas claro, entre todas as misérias possíveis, faltava aquela material: a tragédia de Frank não estaria completa sem ele morar nas ruas de Nova York, sem dinheiro para comida, muito menos violão. Pesando cerca de 120 quilos – um problema na tireoide lhe dava peso facilmente – o músico brilhante virou mendigo sem rumo, com um filho morto, distante da outra filha, corpo queimado e lembranças de tortura da infância.

Se eu falar, a minha dor não cessa, e, calando-me eu, qual é o meu alívio?
Jó 16:6

Costurando destinos como só você sabe, Jim Abbott, um fã local, tomou conhecimento da situação de Jackson C. Frank em 1990 por meio de um professor da faculdade, quem por sua vez havia recebido uma carta de Jackson, pedindo auxílio. Abbott entrou em contato com o cantor; encontrou-o; conseguiu um lugar para ele em Woodstock. Sua única imagem do artista era a capa do álbum, e o que ele viu foi um sujeito de cinquenta anos maltratado, desprovido de quaisquer bens exceto seus óculos quebrados e um violão de dez dólares impossível de se afinar. Mesmo sua voz estava arranhada, desgastada. Ainda tentava cantar porque "como qualquer coisa, cantar é um estado de espírito".

Levanta o pobre do pó, e do monturo levanta o necessitado,
Salmos 113:7

Jackson vem de Jack, que vem de John, "agraciado por Jeová". Você só pode estar brincando. Pois quando as coisas novamente pareciam se alinhar – ao menos Frank teria onde viver, e, quem sabe, recomeçar sua vida – ele se sentou num banco de Nova York, pouco antes de se relocar para Woodstock e, não!, você apelou nessa: uma criança com uma pistola de ar comprimido atirou no olho de Frank, cegando-o. Você jogou sujo; tirou a visão de quem não tinha mais nada. Quanto sadismo.

Jackson enfim morreu aos 56 anos, em 3 de março de 1999, um dia depois de seu aniversário. O que aconteceu depois disso, só você sabe.

Agora, porém, sou a sua canção, e lhes sirvo de provérbio.
Jó 30:9

- ***Escrito originalmente para o Defenestrando.com***

BLUES RUN THE GAME

JACKSON C. FRANK

Catch a boat to england, baby,
Maybe to spain,
Wherever i have gone,
Wherever i've been and gone,
Wherever i have gone
The blues are all the same.

Send out for whisky, baby,
Send out for gin,
Me and room service, honey,
Me and room service, babe,
Me and room service
Well, we're living a life of sin

When i'm not drinking, baby,
You are on my mind,
When i'm not sleeping, honey,
When i ain't sleeping, mama,
When i'm not sleeping
Well you know you'll find me crying.

Try another city, baby,
Another town,
Wherever i have gone,
Wherever i've been and gone,
Wherever i have gone
The blues come following down.

Living is a gamble, baby,
Loving's much the same,
Wherever i have played,
Wherever i throw them dice,
Wherever i have played
The blues have run the game.

Maybe tomorrow, honey,
Someplace down the line,
I'll wake up older,
So much older, mama,
Wake up older
And i'll just stop all my trying.

Catch a boat to england, baby,
Maybe to spain,
Wherever i have gone,
Wherever i've been and gone,
Wherever i have gone
The blues are all the same.

Alice Coelho

Alexandre Stresser
Técnica: Aquarela

Eu verborreia veraz de quem sente e não sabe exprimir.
Eu monólogo ensurdecedor de consciência aflita que clama por absolvição.
Eu mortalha de razão.
Eu andarilho, pergaminho de peito perdido na esquina de cores que levou junto consigo parte de minha existência.
Eu labirinto sem fim que chega nunca a espaço daquele sorriso em que perdi.
Eu, réu, escravo, detento e juiz de mim.
Eu fornalha acesa de sentimento que não quer esgotar.
Eu pássaro e gaiola, buscando uma fresta por onde fugir.
Eu bêbado, encharcado da lama desse saber
que a nada me leva.
Eu ignorante, ignorado gritando por clemência.
Eu sem juízo, procurando o sinal para de fato existir.
Eu inércia de mim.

Rodrigo Lopes

SOMOS DE PEDRA

Pedras não se importam
Não vivem, tão pouco choram
Pedras são duras e imortais
Elas perpetuam para o nunca mais
Nem mesmo um nó pedras podem dar
Elas quebram e fazem quebrar
Então um laço, de pedra jamais será

Pedras não flutuam ao céu
Elas caem, sem ter o que fazer
São paradas, exatas, estáticas
Como a matemática do desprazer
Mas voam, quando chutadas por alguém
Pedras não vão, pedras não vêm
Pedras são mortas, feito eu e você

em breve
edição especial RelevO - Defenestrando
vai vendo.
defenestrando.com

DICESAR BECHES & Advogados associados
www.dicesaradvogados.com.br
Avenida Iguaçu, 2947, sala 74
Água Verde , Curitiba - PR
(41) 3082-1470
Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR
(41) 3242-1554

Walter Bach

BOM DIA, CURITIBA

1.

Há trajetos que podem ser percorridos tanto a pé quanto dentro de um ônibus, mas quando se tem compromisso pela manhã, uma locomoção motorizada ajuda – qualquer minuto economizado vale por dois. Sete da manhã, a cidade ainda acordando, eu esperava um ônibus no ponto da Avenida Presidente Kennedy, a pé iria demorar mais para chegar ao terminal. Embarco em um verde, passo pela catraca, olho as ruas, que passavam rapidamente diante de meus olhos sem que pudesse me ater a detalhes.

As miudezas escaparam, mas algo que vi em um cruzamento entre uma rua marginal e a avenida pela qual o ônibus faz seu trajeto não. Um carro preto, perto de uma esquina onde fica uma loja de sapatos, estava com o farol direito quebrado, o capô levemente amassado; próximo a ele, um carro amarelo, faróis traseiros destruídos, foi o que pude notar, além de um tapete formado por cacos de vidro, visto por dois sujeitos, parados em uma divisória entre as faixas da via rápida, aparentemente os donos dos veículos. Antes que pudesse olhar com mais atenção para esta cena, o ônibus continuou seu caminho. Bom dia, Curitiba.

2.

Entrei em um biarticulado, meio de transporte típico daqui de Curitiba. Plenas sete e dez da manhã, os ônibus parecem latas de sardinhas humanas sobre rodas. As portas se fecharam após minha entrada, andei dois passos à frente, continuei esmagado, se a porta atrás de mim fosse aberta seria despejado. Mas demoraria bons 30 minutos para acontecer, podia aproveitar o trajeto confortavelmente apertado.

Estava com um livro em mãos, além de uma mochila pendurada no ombro direito, esta suspensa à minha frente, aquele fechado enquanto eu procurava um microscópico espaço. Prosseguia na leitura, a mão direita segurando o volume de crônicas, o braço esquerdo servindo de apoio em barras de suporte. Enquanto lia, notei que alguém me olhava.

Silenciosa, mas nitidamente, um bebê com o rosto posicionado para a frente do ônibus me observava. Repousava no colo de uma mulher jovem, de cabelos lisos castanhos, usando óculos de armação marrom, os olhos quase na mesma tonalidade do cabelo; o castanho dos olhos do bebê mais escuro que o da moça, um penteado improvisado com os poucos fios claros na cabeça. Ele estava empacotado em uma espécie de manta branca, apenas a gola de uma roupa de soft visível, ela usava um traje acastanhado.

Olhei nos olhos do bebê. E ele nos meus. Os olhos dele iam para todas as direções, desde as janelas as pessoas em volta. Será que a capa do livro que eu lia o agradou? Ele pareceu observá-la, não sei se a multidão vista da metade do corpo para baixo cruzando uma faixa de pedestres debaixo de um céu preto era do gosto dele. O olhei de novo. E ele a mim, uma leve piscada de olhos. Retribuí. A moça que o segurava o muda de posição, seu rosto ficou virado para as janelas, mantendo a feição de explorador visual. Bom dia, Curitiba.

3.

O ônibus no qual eu estava chegara ao ponto em que desembarco. Finalmente, livre para andar com as próprias pernas, sem precisar competir por espaço. Segui pela Avenida Sete de Setembro, ainda tinha quadras a percorrer até chegar ao destino. Clima frio, ainda restava um pouco de neblina, que cobria o topo de alguns prédios no bloco à minha frente, apesar de um sol que parecia acordar preguiçosamente. Gente agasalhada nas calçadas, empacotados debaixo de jaquetas e sobretudos.

Exceto um. Pela canaleta exclusiva do ônibus, em sentido oposto ao qual eu andava, um senhor corria de bermudas e tênis, segurando uma blusa ou camiseta amassada em uma das mãos. A cidade ainda por despertar, uma maioria tremendo de frio, e alguém correndo como se fosse pleno verão? Notei que indivíduos próximos a mim olharam o homem, talvez querendo ter certeza de que viram o disposto atleta – ou imaginando de que lugar teria saído tal louco. Bom dia, Curitiba.

Ricardo Pozzo

Luna Loo
Técnica: Nanquim e aquarela

SODOMA

Assim explicou-me o anjo sattivo que pousou à cabeça de meu amigo:

"Igual ao petroleiro que preso está, ao cais, pela espia de amarra mas cuja tripulação em delírio esquece de baixar âncora, a partir do momento em que a espécie elegeu o ambiente controlado em oposição ao selvagem, hipervalorizou o simbólico enquanto no Real o Duplo Sapiens sirva, desde então, somente à manutenção inerente ao controle, mesmo que as regras que estabeleçam o controle estejam fundamentadas no simbólico e não no Real. Com isso, quando o poder quer se explicar, usa a lógica do simbólico, que carece de lastro. Quando quer controlar usa a lógica do Real. Ou seja, fomos organizados para sustentar o surto da espécie, desterrados do Real, iludidos pelo simbólico que varia, conforme a ideologia dominante."

Larissa Cavallin

Jamer Warner Bellah
60's

NOTURNO

Morria, ela, todas as vezes que ele resolvia aparecer. Morria, ali, na minha frente, deitada na minha cama, com o celular em punhos. Morria, ela, sempre que ouvia falar em seu nome – em seus nomes. Morria: ela e o olhar. Olhava pra baixo, como quem não queria achar o que estava procurando. Vez ou outra parava. Tentava eu entrar em algum lugar menos reservado de seu coração; tentava em vão. Sei que pensa que todas as poesias são injustas agora, sei que acha que a espera é o ato de cansar. Sei que, por aqui, ela pode sofrer sem perder a liberdade de um verso qualquer.

Luna Loo

Daniel Osiecki

UM LUGAR CHAMADO INSTANTE:

ALVARO POSSELT E SEU LEGADO

Luna Loo
Técnica: Lito, maneira negra

A primeira vez em que ouvi falar sobre haicai foi no livro Pão e Sangue (1988), de Dalton Trevisan, ainda no ensino médio. O velho me fisgou tanto que fui procurar outros autores de haicais. Decidi ir direto à fonte: Bashô. Foi uma revelação, principalmente depois de ler a biografia do Leminski sobre o mestre japonês. Certamente depois compreendi a malícia de Dalton naqueles haicais; poetas como Alice Ruiz, Mário Chamie e outros não me agradaram por completo.

No final do ano passado, Alvaro Posselt, poeta curitibano conhecido do RelevO, publicou seu segundo livro, Um lugar chamado instante (Editora Blanche, 79.p.). O volume apresenta ilustrações de Bruno Marafigo, que acompanham vários dos 60 haicais que compõem o livro.

O projeto gráfico é bastante parecido com o livro anterior de Posselt, Tão breve quanto o agora (2012), também publicado pela Blanche. Em Um lugar chamado instante, Posselt apresenta os mesmos elementos de seus haicais do primeiro livro, mas ainda assim surpreende. A noção de brevidade do indivíduo, suas impressões sobre o cotidiano e pequenos flashes em aparentes banalidades são elementos caros a Posselt.

Posselt, além de dominar a técnica do haicai, apresenta um humor fino e óbvio que está presente em boa parte dos poemas.

Curitiba nos maltrata
Hoje eu saí de blusa
Ao invés de regata
(p.43)

É uma clara alusão ao clima sempre instável de Curitiba, que tanto aborrece o curitibano e o torna rabugento. Nas entrelinhas, ele brinca com essa "identidade" soturna curitibana.

A intertextualidade é explorada por Posselt em alguns poemas. Há referências a Bashô e Poe que são facilmente identificáveis pelo leitor, mas sem serem simplistas. A transparência dos poemas surpreende porque fica evidente o esmero de seu autor em ser direto e preciso. E Posselt consegue atingir esses objetivos sem cair no abismo da banalidade.

Lembranças do mestre -
Sobre o lago de Bashô
Voam as libélulas
(p.67)

O poema que faz referência a Poe é tão cristalino e objetivo que somente um poeta que domina a técnica seria capaz de produzir.

Lenore, mas que estorvo!
Do poema de Poe
Deixei escapar o corvo
(p.55)

Os poemas de Um lugar chamado instante estão mais maduros que os poemas de Tão breve quanto o agora. Parece que Posselt aprimorou ainda mais a técnica do haicai, que já demonstrava dominar no livro de estreia. É por essa leveza de verso em verso, aliada à técnica, que Alvaro prova ser um poeta bastante original. Aponta o que vê fugindo de armadilhas estilísticas nas quais, às vezes, poetas experientes insistem em cair.

QUADRA cultural

Apoio Cultural:
GAZETA DO POVO

Consolação Soranço Buzelin

PRÓXIMA EDIÇÃO:

Cesar Felipe Pereira
Giovani Kurz
Priscila Prado
Antonio Cescatto

"Tende Piedade senhor, dos meninos velhos,
dos homens humilhados e
se piedade vos sobrar senhor,
tende piedade de mim"

Elegia Desesperada
Vinicius de Moraes

ELEGIA PARA VINICIUS

Nas folhas desbotadas e amareladas
releio o poema de sonhos eternos.
É como se vagasse pelo tempo
de tantas recordações.
Os verões na Rua Santa Clara,
no sol de areias brancas da morna praia,
encontros com os amigos nos bares
ou vendo passar as garotas de Copacabana.

As teias que a vida tece
em tramas teceram os nossos destinos.
Você ficou com a música e a boêmia
eu para Minas me mudei. Na solidão
debruço-me em meus lamentos e
ouço o rangido dos carros de boi da fazenda,
o bater dos vidros nos laboratórios de remédios.
São tristes tardes opacas.

Você não esqueceu sua alma, eu
camuflei a minha entre as heras da parede.
O vento traz nesses versos a sua voz.
Em sussurros ela me diz:
Venha, pode entrar,
percorra as mesmas estradas
abandone essa vida de agora.
Lembra-se, não foi bom outrora?

Estou dividido entre o presente
e as lembranças distantes,
o rosto doente atrás do sorriso perdido.
Se seu espírito vagar e uma viagem iniciar
penetre essas regiões sombrias.
É fácil achar o caminho: na porta dois leões de pedra
cobertos de musgo guardam a alma do antigo amigo.

Juntos, faremos mais um verso nessa Elegia Desesperada.

"Senhor tende piedade dos velhos amigos esquecidos
que querem mergulhar em águas profundas,
romper a névoa do tempo e depois morrerem felizes."